



Revista Angolana de Sociologia

11 | 2013
Sociologia e prática social

Itinerâncias em busca de uma Sociologia como prática social

Searching a Sociology of Social Practice

Jacinto Rodrigues



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/350>

DOI: 10.4000/ras.350

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2013

Paginação: 83-90

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Jacinto Rodrigues, « Itinerâncias em busca de uma Sociologia como prática social », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 11 | 2013, posto online no dia 09 dezembro 2013, consultado no dia 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ras/350> ; DOI : 10.4000/ras.350

Itinerâncias em busca de uma Sociologia como prática social

Jacinto Rodrigues

Resumo

O artigo trata da prática social como processo evolutivo das Ciências Sociais e Humanas. Desenvolve-se a partir da experiência pessoal do autor e surge como resultado das mudanças na Sociologia, que foi sendo apropriada pela prática social através dos movimentos sociais. Estes, rejeitando as ideologias, tendem a desenvolver uma intervenção mais capaz baseada na ecosofia e na auto-governança.



Palavras-chave

Ecosofia, desenvolvimento ecologicamente sustentado, investigação-acção, decrescimento, contra-sociedade

Ao tratar o tema que me proponho aqui analisar (Sociologia como Prática Social), vou servir-me do meu percurso de vida.

Não se trata duma simples autópsia ou auto-reflexão sobre o meu CV, mas é antes um trabalho sobre a minha vivência, na aprendizagem e ensino das Ciências Sociais e Humanas, para aí poder descriptar as oscilações, dentro de mim e na sociedade envolvente, que vivi durante cerca de cinco décadas de actividade profissional.

Antes de mais queria revelar, neste artigo, as minhas experiências na prática teórica (investigação e ensino) e na *praxis* social (intervenção cívica).

São mudanças sucessivas de culturas e sociedades onde perpassaram motivações múltiplas, dúvidas e incertezas que me assaltaram ou assaltam ainda hoje. Por exemplo, a questão do global e do local. Graças à Filosofia, procurava alargar o meu horizonte estratégico, mas confrontava-me com uma *praxis* num campo de intervenção mais reduzido.

Quando agimos, necessitamos de delimitar a nossa acção ao local para a intervenção. Quando pensamos, afastamo-nos do terreno concreto para o universal. É um velho problema, esse, da contradição

entre as ideias e as sensações. Para o resolver temos que superar a dicotomia ou a dualidade do intelecto, utilizando o pensamento vivo, inspirado e intuitivo.

Sabemos, contudo, que quando nos limitamos ao local, embora tenhamos mais oportunidades de influenciar as mudanças sociais, é também aí que perdemos as estratégias e se processam as recuperações vindas do taticismo empírico.

O que aqui vou relatar, resume-se essencialmente a um desejo de encarar a sociologia global e a prática social como um diálogo complementar e necessário.

Quando em 1964 cheguei a Paris, para o longo exílio que me estava reservado, procurei estudar sociologia na Sorbonne. A Sorbonne tinha a aura de uma academia universitária do mais alto nível. Aprendemos então uma sociologia onde pairava a figura patriarcal do prestigiado académico Raymond Aron.

Durante as aulas, a abordagem principal assemelhava-se a uma filosofia da história das ideias. As aulas tratavam os temas da sociedade industrial e da luta de classes, mas esses temas tinham sempre como referência os grandes sociólogos que Raymond Aron abordaria mais tarde, no seu célebre livro *“As Etapas do Pensamento Sociológico”*¹. Esses grandes teóricos das Ciências Sociais eram: os fundadores – Montesquieu, Comte, Karl Marx e Tocqueville e os continuadores – Durckheim, Pareto e Max Weber.

Esta abordagem matricial destacava-se da minha formação especulativa inicial na Universidade de Coimbra e Lisboa e reduzida à filosofia metafísica de Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino e Kant, num país amordaçado que era Portugal nesse tempo.

Assim, a Sorbonne apareceu-me como uma lufada de ar fresco. A teoria aí aprendida alargava a minha consciência. Permitia o aprofundamento epistemológico das várias correntes sociais, distinguindo o ideológico e o teórico das contribuições dos vários autores, que me ajudava a compreender melhor o fundamento das narrativas descritivas, explicativas e compreensivas.

Também o estudo dos clássicos da sociologia permitiu-me diferenciar as abordagens genéticas das abordagens estruturais e funcionais.

Em virtude duma bolsa da ONU, que obtive como refugiado político, pude continuar a minha investigação na área da sociologia em 1968/69, numa formação muito mais marcada pela sociologia como prática social.

Tratava-se agora dum Instituto (IRFED — Institut International de Recherche et de Formation en vue du Développement harmonisé) que não tinha nem o prestígio nem professores com a nomeada de Aron. Tinha contudo uma extraordinária flexibilidade teórica, afastando-se de conceitos e modelos rígidos, para se aplicar à investigação-acção, monografias, histórias de vida e análise concreta das sociedades.

Este Instituto foi fundado por Louis Joseph Lebre, que dirigiu a revista *Economie et Humanisme*. A partir de 1950 começou a trabalhar na formação de um instituto de investigação, baseado na prática social e aberto ao desenvolvimento comunitário e participado. Estava vocacionado, fundamentalmente, para os países de economia dominada, particularmente os países africanos.

1. Aron, Raymond, *As Etapas do Pensamento Sociológico*, 1999, Lisboa, Publicações D. Quixote

Este Instituto adquiriu um processo pedagógico baseado em conceitos simples, isto é, prosseguir um desenvolvimento harmonioso à escala duma economia humana. Para isso, propunha uma metodologia de estudo das necessidades da comunidade tendo em vista o estabelecimento dum diagnóstico e em seguida a planificação para o desenvolvimento. Ainda hoje penso que o funcionamento desta instituição tem um interesse relevante para a formulação de aparelhos pedagógicos vocacionados para o ensino das ciências sociais e humanas, como prática social. O trabalho de pequenos grupos e os fóruns gerais, as aulas e as conferências articuladas, o trabalho teórico e o trabalho de campo, tinham uma qualidade didáctica do maior interesse para a aprendizagem.

O processo pedagógico centrava-se numa pedagogia do “aprender a aprender”, adquirindo ferramentas para propor tecnologias apropriáveis em função dum desenvolvimento sustentável. Este Instituto orientava-se fundamentalmente para trabalhos visando o continente africano e aplicando-se essencialmente nas questões de educação, animação rural e trabalho comunitário.

Considere assim a minha passagem pelo IRFED como uma experiência pedagógica muito interessante. Delimitavam-se “objectos de estudo” para uma análise concreta da realidade concreta e não esquemas demasiado globais, sem qualquer possibilidade dos autores se inserirem nas mudanças locais. Surgia aqui o conceito das ciências sociais como observação-participação e a necessidade das transformações serem realizadas pelas próprias populações no sentido de gerirem o seu próprio desenvolvimento e se apropriarem das tecnologias necessárias a um desenvolvimento endógeno. Por essa altura, ouvimos conferencistas como Pierre Jallé, Charles Bethelleim, René Dumont, etc.

A abordagem plural e significativamente crítica do capitalismo, veiculada pelos intervenientes, bem assim como a pluralidade cultural dos alunos que eram maioritariamente estrangeiros (africanos, latino-americanos e asiáticos, na sua maioria) introduziram um debate rico de perspectivas múltiplas onde se estudavam “casos”, pequenas intervenções de economia local mas também planeamento regional e até áreas geográficas mais amplas. Ficava claro, no meu percurso no IRFED, que a prática social e a política estavam intimamente ligadas e que esta escola ensinava, através de metodologias simples, a observar, diagnosticar e planificar as intervenções duma forma concreta. Foi assim que acabei por escrever pequenos artigos que vieram a ser publicados pelo Conselho Nacional de Cultura, em Angola, com o nome de Cadernos da Frente Cultural²: *A Observação Monográfica de uma Zona, Pensar e Planificar os Problemas, Como formar uma equipa de Estudos Económico-Sociais*. Um conjunto mais amplo destes artigos com outros artigos mais teóricos fora editado pelas Edições Afrontamento, em Portugal, no meu livro *Frente Cultural*³. Todo este conjunto de artigos e outros mais, tinham sido escritos durante o meu exílio. Alguns foram publicados durante esse período no *Jornal Comércio do Funchal*⁴ que, na altura do “marcelismo”, era objecto de menor censura. Esta actividade relacionava-se com a minha

•

2. Rodrigues, António Jacinto, *Cadernos da Frente Cultural*, 1977, Luanda, Ed. Conselho Nacional de Cultura

3. Rodrigues, A. Jacinto, *Frente Cultural*, 1976, Porto, Ed. Afrontamento

4. *Jornal Comércio do Funchal*: “Alfabetização de adultos e o método de Paulo Freire”, nº 2065 de 24 Maio 1970 e nº 2066 de 31 de Maio 1970; “Grupos de Animação Cultural”, nº 2072 de 19 de Junho 1970 e nº 2073 de 26 de Junho 1970; “Cooperativismo para um novo tipo de relações no trabalho”, nº 2126 de 26 Setembro 1971; “Emigração Portuguesa em França”, nº 2093 de 3 Janeiro 1971 e nº 2094 de 10 Janeiro 1971

intervenção cívica nos bairros de lata da emigração portuguesa nos arredores de Paris. Esta prática social era a expressão desta minha formação.

Fui desenvolvendo os meus conhecimentos nas Ciências Sociais e Humanas. A investigação feita pela Escola de Chicago, o estudo de histórias de vida e a maneira como a realidade social era encarada, não como modelo mas como construção social e dinâmica, revelou a importância dos actores sociais e a importância do estudo do território como decisivos para a investigação. Este elemento territorial foi essencial para a minha mudança estratégica no estudo das ciências sociais que, a partir de então, me pareciam relacionadas sistemicamente com as ciências do território.

Por isso frequentei, em seguida, um mestrado na universidade de Vincennes — Paris VIII. Tratava-se duma nova Universidade, fundada depois da crise de Maio de 68, e que tinha singularidades na forma pedagógica e inovadora com que encarava o ensino universitário.

Trabalhei então no Institut d'Urbanisme dessa Universidade com a orientação dos Professores Françoise Choay, Anatole Kopp e Pierre Merlin, entre outros. O trabalho que realizei e que veio a ser publicado em França⁵ inscrevia-se na prática da organização do território e abordava desde as questões globais do modelo de sociedade às questões práticas da habitação e da cultura.

Nesta articulação do global com o local, fui levado a conjugar teoria e prática e sobretudo as relações entre a sociedade e o território. Com efeito, a antiga divisão das ciências sociais e das ciências do território criava uma dicotomia que foi necessário ultrapassar, estabelecendo sistematicamente uma relação entre filosofia social, geografia, geopolítica e ecologia.

Por isso, a breve prazo, adquiri a profunda convicção de que os problemas abordados na prática social tinham a ver com uma nova focagem — a ecosofia. A sistémica entre biosfera, sociosfera e tecnosfera obrigava a uma concepção holística sob a égide duma consciência abrangente com uma metodologia baseada na intervenção transdisciplinar.

Da África ia-me dando conta de como o processo neocolonial continuava com as injustiças sociais, mesmo quando as independências de bandeira substituíam o colonialismo. A voz de Amadou Hampâté Bâ⁶ revelava uma sabedoria que vinha do fundo dos povos. Sankara sabia, como René Dumont, que a “África começa mal”⁷ com a colonização e que o modelo ocidental não era solução. Sankara perdeu a vida porque recusara o trilho que lhe quiseram impor. Sabia que a tecnociência não era ecotécnica apropriável. E que o saber tecnocrático não era a sabedoria dos velhos iniciados do Burkina Fasso.

Também na América Latina Ivan Illich, como os Chiapas, procurava vias novas para o ecodesenvolvimento. O crescimento proposto pelo FMI era uma fábula para adormecer papalvos e angariar corruptos.

Majid Rahnema⁸ reflectia, no Irão, sobre a diferença entre miséria e simplicidade feliz e voluntária, tal como outros filósofos e ecologistas noutras partes do mundo. Nicolae Georgescu Roegen e René

5. Rodrigues, A. Jacinto, *Urbanisme et Revolution*, 1973, Paris, Ed. Universitaires

6. Bâ, Amadou Hampâté, *Kaidara*, 2001, Barcelona, Ed. Kairós; Touré, Amadou et Mariko, Ntji Idriss, *Amadou Hampâté Bâ homme de science et de sagesse*, 2005, Paris, Ed. Karthala

7. Dumont, René, *A África começa mal*, 1965, Lisboa, Ed. D. Quixote

8. Rahnema, Majid, *Quand la Misère Chasse la Pauvreté*, 2003, Ed. Fayard Actes Sud

Passet constatavam que, para haver desenvolvimento ecologicamente sustentado, é necessário eliminar a pegada ecológica excessiva do mundo consumista e fazer decrescer a indústria de energias fósseis e materiais tóxicos.

Destes problemas, viria a publicar, anos mais tarde, a “Crítica do Modelo de Crescimento Económico Eurocêntrico e Propostas para um Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado”, na *Lusofonia em África*⁹, editada pelo CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África).

Também a minha inscrição no 3ème cycle, na École Pratique des Hautes Études, em Paris, proporcionou-me uma relação com os Professores Edgar Morin, Alain Touraine e Georges Friedmann, com os quais aprendi a necessidade da interculturalidade e transculturalidade, a participação social e a apropriação auto governativa das populações como sendo essenciais ao desenvolvimento ecologicamente sustentado. Estes autores tinham já compreendido o papel dos “actores” e aproximavam-se duma modernidade crítica, na charneira da pós-modernidade.

Não posso ainda esquecer a minha viagem à Itália para o encontro com Danilo Dolci e a sua obra de prática social no Centro Studi e Iniziative — Partinico — na Sicília.

Dolci levava a cabo uma obra exemplar, participando na animação de camponeses em torno de reivindicações sociais sobre alojamento, emprego e a actividade cooperativa. Descrevi estas experiências em vários artigos no *Comércio do Funchal*¹⁰ que viriam a ser mais tarde publicadas no meu livro *O Urbanismo como Prática Social e Política*¹¹ e cujo conteúdo foi também desenvolvido, posteriormente, no livro *Sociedade e Território*¹².

Desenvolvi ainda, já depois do meu regresso a Portugal em 1975, uma actividade universitária em torno da pedagogia artística que culminou com um doutoramento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sobre a escola artística da Bauhaus e o novo paradigma no design, na arquitetura e no urbanismo.

Entre várias intervenções com os alunos em teatros de rua e montagem de dispositivos ecológicos, no pós-25 de Abril e em torno dos anos mais quentes da revolução dos cravos, ensaiei práticas artísticas ligadas às concepções de Joseph Beuys e outros artistas interventivos.

Desta minha aprendizagem, neste itinerário formativo e académico, resultam as seguintes conclusões:

1. A importância do trabalho teórico e das ideias é enriquecida com a concretização prática do saber. E, o “fazer” local enriquece-se na medida em que o saber global se alarga;
2. O conhecimento da sociedade aumenta, quanto melhor conhecermos o território em que ela se insere e o território conhece-se melhor, se conhecermos a fundo o seu conteúdo social;
3. As ciências sociais e humanas necessitam de se articular com a ecologia para se entender o modo

9. Rodrigues, Jacinto, “Reflexão Crítica do Modelo de Crescimento Económico Eurocêntrico e Propostas para um Desenvolvimento” in *Lusofonia em África — História, Democracia e Integração Africana*, 2005, Senegal, Ed. CODESRIA (pp. 209-223)

10. Jornal “*O Comércio do Funchal*”, nº 2061 de 26 Abril 1970, nº 2120 de 15 Agosto 1971, nº 2136 de 5 Dezembro 1971, nº 2137 de 12 Dezembro 1971

11. Rodrigues, Jacinto, *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, 1976, Porto, Ed. Limiar

12. Rodrigues, Jacinto, *Sociedade e Território — Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado*, 2006, Porto, Profedições

como a biosfera se apropria da biosfera e da tecnosfera. Também as práticas sociais e humanas só são apreendidas no seu relacionamento sistémico com a biosfera;

Para além do trabalho académico, do estudo reflexivo e da actividade docente, tenho a assinalar a aprendizagem constante ao longo da minha intervenção cívica e política.

Nessa intervenção, os encontros e estágios formativos e os trabalhos que fui fazendo em várias associações e cooperativas – Antroposofia, Pedagogia Iniciática, Centro de Estudos do Deserto (Ce.Do), Grupos ecológicos, nomeadamente Terre et Humanisme, Movimento dos Colibris, etc. – encontram-se relatados em diversas publicações, nomeadamente o *Jornal de Notícias*¹³ *A Página da Educação*¹⁴, a *Revista Africana Studia*¹⁵ em especial o nº 10, o livro *Pedagogia para uma sustentabilidade*¹⁶, que se encontra disponível para leitura na net e a *Revista Angolana de Sociologia*¹⁷.

Durante os últimos anos assistimos a fenómenos naturais e sociais da maior importância:

- Mudanças climáticas que geraram catástrofes ecológicas e humanas;
- Agro-indústria com consequências nefastas na desertificação, desflorestação, saúde e nutrição;
- Contaminação com consequências no agravamento da regeneração da biosfera;
- Crescimento do produtivismo industrial fóssil com consequências no esbanjamento dos bens naturais e na injustiça social.

Este modelo de sociedade urbano-industrial consumista tem vindo a ser denunciado pelo movimento altero-mundial. Este movimento promove e consolida novas actividades de prática social no terreno concreto, abrindo alternativas como a agroecologia, as energias renováveis, a reciclagem, a eco-construção, a bioeconomia, a solidariedade e finalmente uma ecosofia que expressa as reflexões teóricas importantes sobre a desagregação do “mundo antigo” e o parto dum outro “novo mundo” possível.

Vão surgindo assim novas formas de eourbanismo, comércio justo, relacionamento cooperativo integral, solidariedade entre os povos, movimentos sociais de agro-floresta, etc. A reflexão teórica, por parte de alguns filósofos, passou também a expressar-se através de movimentos da sociedade civil, de que as redes sociais são um exemplo.

Assim, a conceção de Foucault ao denunciar a “sociedade disciplinar” como resultado da “normalização” do racionalismo moderno, iniciou um debate epistemológico sobre a questão do poder. Como ele escrevera, o poder é agora cada vez mais onnipresente. A repressão, o adestramento, a inculcação cultural, ideológica e educativa, vieram revelar o conceito ilusório da “tomada de poder”, como se ele fosse explícito apenas num sítio ou pertença de uma só força social. O poder está dentro de cada um, interiorizado pela conjugação de vetores múltiplos, através da coerência interna do paradigma,

•

13. “*Jornal de Notícias*”, de 1979 a 1999, Porto

14. “*A Página da Educação*”, de 1999 a 2007, Port.

15. Rodrigues, Jacinto, “África que Desenvolvimento?” in *Africana Studia*, Revista nº 10, 2007, Ed. CEAUP (pp. 7-37 e 81-88)

16. Rodrigues, Jacinto, *Pedagogia para uma sustentabilidade*, 2007, Ed. ISMAT

17. “*Revista Angolana de Sociologia*”, nºs 7, 8 e 9 de 2011 e 2012

esbatendo fronteiras entre o imaginário domesticado e a sociedade opressora. Esse poder é também consciencializado e reproduzido por uma classe dominante que usufrui de privilégios em detrimento da miséria causada.

Muitos outros filósofos e ecologistas como Jean Marie Pelt, Serge Latouche, Paul Ariés, Pierre Rabhi, etc. alargaram esta frente de reflexão e de prática social, mostrando que a tomada de poder é uma mudança de vida e que o autogoverno exige uma autotransformação.

A luta social, hoje, é cada vez mais assumida como um processo de autodesenvolvimento e de desenvolvimento social. Nós próprios somos processo e finalidade. Nós próprios somos a mudança. E o processo começa em nós e nos outros, aqui e agora. Gera-se assim uma contrassociedade que metamorfoseia o modelo dominante, diluindo-se o próprio contramodelo numa complexidade dialógica permanente, que o enriquece.

O nascimento das alternativas surge como se estas fossem crisálidas que desabrocham pela participação dos diferentes cidadãos, numa miscigenação de polaridades criativas.

Há, nesta nova postura, uma prática social que se traduz num salto qualitativo sobre a política. O interesse da luta político-partidária diminui, aparecendo agora uma frente de movimentos sociais que buscam uma unidade cívica, mais ampla e abrangendo atitudes de vida e não apenas conceitos ideológicos. Um quotidiano mais feliz e que não passa apenas por recursos materiais e mercantis mobiliza os cidadãos que, através de valores qualitativos, descobrem o verdadeiro sentido da fraternidade económica, da igualdade jurídica e da liberdade cultural.

O movimento Colibri, criado pelo extraordinário filósofo e ecologista contemporâneo, Pierre Rabhi, é um exemplo excepcional, com realidades concretas no domínio da agroecologia, da educação, do ecodesenvolvimento, da solidariedade social e da actividade democrática participada. Constitui uma nova achega no domínio da ecosofia que expressa, numa forma exemplar, todo o movimento alteromundial em busca do novo paradigma de prática social em cada local.

Referências bibliográficas

- ARON, Raymond
1999: *As Etapas do Pensamento Sociológico*, Lisboa: Publicações D. Quixote
- BÂ, Amadou Hampâté
2001: *Kaidara*, Barcelona: Ed. Kairós
- DUMONT, René
1965: *A África começa mal*, Lisboa: Ed. D. Quixote
- RAHNEMA, Majid
2003: *Quand la Misère Chasse la Pauvreté*, Ed. Fayard Actes Sud
- RODRIGUES, Jacinto
2012: "Diário de Itinerância: Revisitar Angola em 2009" *Revista Angolana de Sociologia*, nº 9, pp. 173-184
2011a: Diogo Vasconcelos entrevista Jacinto Rodrigues: "A especificidade dos países do Sul" *Revista Angolana de Sociologia*, nº 8, pp. 191-199,
2011b: "Desenvolvimento e Sustentabilidade Ecológica" *Revista Angolana de Sociologia*, nº 7, pp. 35-42

- 2007: "África, que Desenvolvimento?" *Revista Africana Studia*, nº 10, Porto: Ed., CEAUP, pp. 7-37 e 81-88, *Pedagogia para uma sustentabilidade*, Lisboa: Ed. ISMAT
- 2006: *Sociedade e Território – Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado*, Porto: Profedições
- 2005: "Reflexão Crítica do Modelo de Crescimento Económico Eurocêntrico e Propostas para um Desenvolvimento" in *Lusofonia em África – História, Democracia e Integração Africana*, Senegal: Ed. CODESRIA (pp. 209-223)
- 1977: *Cadernos da Frente Cultural*, Luanda: Ed. Conselho Nacional de Cultura
- 1976: *Frente Cultural*, Porto: Ed. Afrontamento
- 1976: *Urbanismo Uma Prática Social e Política*, Porto: Ed. Limiar
- 1973: *Urbanisme et Revolution*, Paris: Ed. Universitaires
- TOURE, Amadou & Ntji Idriss MARIKO
- 2005: *Amadou Hampâté Bâ homme de science et de sagesse*, Paris: Ed. Karthala

Recebido a: 11/Fevereiro/2013

Enviado para avaliação: 19/Março/2013

Recepção da apreciação: 15/Abril e 3/Maio/2013

Aceite para publicação: 6/Maio/2013

Title

Searching a Sociology of Social Practice

Abstract

This article reflects about the social practice of the evolutive process of Social Human Science. It develops, through the personal experience of the author, the way that Sociology has been appropriated as social practice through many social movements. Those, rejecting the ideologies, seek to develop a more useful intervention for social changing based on an ecosophy and the effort of mainstream society.

Key-words

Ecosofy, ecosustainability, research-action, decrease, alternative-society